

## APRESENTAÇÃO

*Organizadores*

A ideia de organizarmos uma publicação tendo como foco de discussão “a casa/as casas” nasceu em 2011, quando dois, dos três organizadores, éramos ingressantes no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP. Patrícia Carvalho Rosa vinha desde o seu mestrado, na Universidade de Brasília (UnB), ensaiando reflexões sobre a noção de casa a partir da experiência de pesquisa junto ao seu grupo de interlocução Kaingang, no sul do país. Chegando à UNICAMP para cursar doutorado em Antropologia, as conversas acerca de casas continuaram aparecendo. Diego Amoedo Martínez também estava se aproximando da literatura antropológica, que tinha a casa como foco de discussão. Neste caso, seu contexto de pesquisa está na zona rural transmontana de Portugal, onde desenvolve pesquisa acerca das transformações socioterritoriais. Lucybeth Camargo de Arruda, hoje professora da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), já estava há mais tempo nessa “casa” e escrevia, à época, sua tese de doutorado na qual discute as casas criadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos postos indígenas de Mato Grosso como objeto de estudo abordado através das fotografias da década de 1940.

Tudo se inicia entre conversas, pizzas e reuniões nas casas de um ou de outro. E reunidos no ambiente intelectual que é o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), as interlocuções iniciais expandiram-se e nos proporcionaram discussões com outros colegas no departamento também interessados “nas casas”, com quem a ideia do dossiê tomara contornos, a saber: a hoje professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Marta Jardim, e seu trabalho em Moçambique; o trabalho do doutorando

Rodrigo Bulamah, no Haiti; e Nashieli Loera, professora na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), cujos trabalhos sobre acampamentos dos movimentos sem-terra colaboraram com o debate. Contamos ainda com os diálogos mantidos com Verena Sevá, professora de Sociologia Rural da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), cuja pesquisa entre os camponeses do Sertão Baiano compõe esse volume da *Temáticas*. Alguns trabalhos de nossos professores Mauro Almeida, Vanessa Lea e Carlos Rodrigues Brandão nos guiaram nesse debate, com as suas criativas e competentes reflexões sobre o tema.

Envoltos por essa atmosfera, duas questões emergiram e tentaremos apresentá-la nesta breve abertura. Por que um dossiê e porque a/as casa(s)? Tomamos a liberdade de inverter a ordem da resposta. Por que as casas?

Todas as pessoas envolvidas nessa rede de diálogo depararam-se em suas pesquisas com noções e categorias diferentes, mas “as casas” estavam, de alguma forma, presentes. Depois de fazer um mapeamento das possibilidades de organização de uma publicação desse tipo, uma pequena cartografia foi realizada buscando possíveis “artigos” com os que poderíamos contar. Decidimos, então, fazer a proposta de nosso dossiê para a *Revista Temáticas*, que rapidamente foi aceita. De repente, tivemos em nossas mãos uma chamada de artigos e o pior: prazos a cumprir.

Por que um dossiê?

Em primeiro lugar, achamos que um dossiê é um elemento interessante para “entrar” numa temática/categoria. Ele nos permite conhecer diferentes pesquisas e abordagens teórico-metodológicas, o que, para os momentos atuais de nossa formação, é muito valioso. Devido principalmente à produtividade acadêmica que nos é imposta, a maioria das vezes chegamos a termos ou conceitos que nos parecem interessantes, por leituras someras. Este dossiê pode ser um elemento interessante a quem queira entrar em contato com a temática da casa. Não só este. Destacamos outros que nos inspiraram: os de Stephen Hugh Jones e Janet Carsten (1995) e o organizado por Netting, Wilk e Arnould (1984). Trabalhos muito mais profundos, mas que têm como lugar de partida outros universos, pois cada um dos autores que aparecem nessas coletâneas são hoje referências importantes nas áreas de estudo às quais

se dedicam. Nossa realidade é outra, mas a intenção é a mesma. Assim, desde nossa realidade acadêmica, como alunos de um programa de pós-graduação, decidimos organizar este dossiê temático sobre as casas. Nessa esteira, em segundo lugar, acreditamos que o exercício de procurar pareceristas, a quem somos muito gratos, foi um meio de entender como é que se produz um número de uma revista. O esforço realizado, ao final, nos rendeu uma rede de intercâmbio constituída por diversos pesquisadores, em diferentes momentos de pesquisas, em variadas instituições, no Brasil, em Portugal, na França, na Galícia.

A ideia do dossiê nos veio quase que imposta. Tínhamos uma temática definida e um espaço para publicação garantido, uma tarefa a levar a cabo com qualidade, mas queremos ir além dessa simples relação entre quantidade, tema e publicação. Quando começamos a receber artigos é que entendemos a dimensão do que aquela proposta de amigos tinha vindo a criar. Através das redes e das redes de redes, lançamos a chamada de artigos “para o mundo”. De repente, tínhamos em nossas mãos textos provenientes de Portugal, propostas de textos de universidades francesas, da Universidade de Brasília, do Museu Nacional, dos programas de Pós-Graduação da UNICAMP, de estudantes argentinos. Interesses de publicação com os mais variados temas e cenários etnográficos, de diferentes partes do Brasil, da África do Sul, de Portugal; sobre casas indígenas, casas camponesas, casas construídas por arquitetos, e ainda a respeito de pessoas sem casas, desalojadas. Uma vez recebidos os textos foi que entendemos qual a verdadeira dimensão da contenda. Tínhamos artigos de áreas diferentes, discutindo casas diferentes, sob diferentes óticas. Uma série de produtos de reflexões muito valiosos que nos permitem fazer esta avaliação acerca do que pode significar, ou melhor dito, do que significou para nós a organização deste dossiê.

Encontramo-nos com uma miríade de material muito valioso e, sobretudo, que ultrapassou as nossas primeiras expectativas. Achamos que é o momento para agradecer a todos e a cada um que nos enviou artigo, tenham eles sido ou não selecionados para publicação. Nos diferentes trabalhos publicados, os leitores não vão encontrar somente uma revisão bibliográfica do termo. Diferentes autores vêm abordando a temática conferindo aos seus

trabalhos, por vezes, uma historicidade do termo e, de como diria Leach, como a casa foi sendo “repensada”. É mais do que isso! É uma janela antropológica para as pesquisas que estão sendo feitas nesse momento. A leitura do dossiê é uma oportunidade tanto de acompanhar pesquisadores incipientes debruçando-se sob uma temática clássica, quanto de outros, já professores, publicando materiais, frutos de pesquisas mais consolidadas. É um grande mosaico de tempos e espaços, tanto de pesquisa antropológica, sociológica e histórica.

Certamente muitas críticas serão feitas, mas de uma forma ou de outra, este dossiê é um documento que permite abordar de forma ampla uma temática, sua historicidade e como é que as pessoas estão pensando em usá-la. Chamamos a atenção para este ponto, em especial, pois achamos que é uma ferramenta muito útil e válida para nos aproximarmos de categorias, teorias e campos.

No decorrer do tempo da organização do dossiê, tivemos a oportunidade de entrevistar o professor João de Pina-Cabral. Quando surgiu a possibilidade de entrevistá-lo, as funções e leituras foram divididas entre os sete entrevistadores, a fim de se poder chegar a uma proposta sólida e interessante. Optamos por ser conscientes de nossa realidade – a de estudantes (a maioria) –, e, sendo a publicação para uma revista de alunos, elaborar um roteiro em que tanto “a casa” quanto as questões de ordem moral ou teórico-metodológico daquilo que é denominado trabalho de campo fossem sendo iluminadas com as palavras do professor. Não podemos também deixar de agradecer ao professor por nos presentear com uma conversa sobre a casa em um lugar onde nos sentimos literalmente “falando em casa”<sup>1</sup>.

O texto de abertura é de Marcos Lanna, a quem agradecemos pela disposição em colaborar com seu texto, bem como com sua visão crítica dos artigos aqui publicados, crítica que no decorrer dos dias atuais é pouco comum, mas necessária.

---

<sup>1</sup> O professor Omar Ribeiro Thomaz nos cedeu amavelmente a sua casa no dia do seu aniversário para a realização da entrevista com o professor Pina-Cabral. Para ele também o nosso mais sincero muito obrigado.

Uma vez começados os agradecimentos, o nosso obrigado aos programas de pós-graduação em Antropologia Social e Ciências Sociais que nos ajudaram de diversas formas. A Maria José Rizola, a Reginaldo e aos coordenadores dos dois programas, no momento da elaboração deste dossiê, Ronaldo Almeida e Sonia Bergamasco, somos especialmente gratos. A Samira por nos abrir a revista e a Cimélia por atender às nossas inúmeras dúvidas e questões, também, muito obrigado.

Boa leitura a todos.